

# Caminhos de coconstrução na orientação psicodramática: tecendo entre pesquisa e escrita

Gabriela Pereira Vidal<sup>1\*</sup> 

## RESUMO

Busca-se com este escrito refletir sobre o papel de uma orientação pautada no psicodrama para a coconstrução de uma pesquisa psicodramática. Trata-se de um relato de experiência de uma orientação de monografia da formação em Psicodrama de uma escola catarinense. A orientação ocorreu entre abril de 2023 e janeiro de 2024, sendo realizada de forma virtual, por encontros no Google Meet e trocas de mensagens. Concluiu-se que a teoria psicodramática, por ser pautada nas relações humanas, pode contribuir para a relação orientador-orientando no desenvolvimento de pesquisas, visando um processo de orientação com menos conflitos e desistências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicodrama; Ensino; Pesquisa; Escrita.

## Paths of co-construction in psychodramatic supervision: weaving between research and writing

## ABSTRACT

This writing seeks to reflect on the role of a supervision based on psychodrama for the co-construction of psychodramatic research. This is an experience report of a monograph supervision for training in Psychodrama at a school in Santa Catarina. The supervision took place between April 2023 and January 2024, and was carried out virtually, through meetings on Google Meet and exchanges of messages. It was concluded that psychodramatic theory, as it is based on human relationships, can contribute to the advisor-student relationship in the development of research, aiming for a guidance process with fewer conflicts and dropouts..

**KEYWORDS:** Psychodrama; Teaching; Research; Writing.

## Caminos de co-construcción en la orientación psicodramática: tejiendo entre investigación y escritura

## RESUMEN


Este escrito busca reflexionar sobre el papel de una orientación basada en el psicodrama para la co-construcción de la investigación psicodramática. Este es un relato de la experiencia de supervisión de una monografía para la formación en Psicodrama en una escuela de Santa Catarina. La orientación se desarrolló entre abril de 2023 y enero de 2024, y se realizó de manera virtual, a través de reuniones en Google Meet y intercambio de mensajes. Se concluyó que la teoría psicodramática, al basarse en las relaciones humanas, puede contribuir a la relación asesor-estudiante en el desarrollo de la investigación, buscando un proceso de orientación con menores conflictos y abandonos.

**PALABRAS CLAVE:** Psicodrama; Docencia; Investigación; Escribiendo.

<sup>1</sup> Viver Mais Psicologia – Tubarão (SC), Brasil.

\*Autora correspondente: [gabrielaaldaal@gmail.com](mailto:gabrielaaldaal@gmail.com)

Recebido: 10 Jun. 2024 | Aceito: 10 Ago. 2024

Editor de seção: Marília Bruhn 

## INTRODUÇÃO

O processo de construção de um trabalho que encerra uma formação representa um fechamento de um ciclo. É claro para mim que nem todas as pessoas se sentem preparadas para a escrita de uma monografia de conclusão de curso, pelas diversas experiências que vivi como aluna, compartilhei como colega e ouvi de alunos que vieram depois de mim. Essas dificuldades podem estar ligadas a diversos aspectos, entre eles a relação entre quem orienta e quem recebe a orientação (Gulassa, et al., 2013). Sejam na relação com o orientador, com o tema ou outras adversidades, essas dificuldades por vezes resultam no abandono da entrega da monografia que titula o psicodramatista de forma oficial.

Ao pensar o processo de orientação, o vejo como mais um dos papéis associados ao de professora de psicodrama. Assim, compreendo que ser professora de psicodrama perpassa ser coconstrutora do conhecimento e não aquela que transmite verdades (Mazzotta, 2011). Dessa forma, orientar uma escrita e reflexão da socrômia na prática é, para mim, uma forma de coconstruir conhecimento com a pessoa que oriento, nos permitindo exercer o poder da escrita e percebendo as conservas culturais associadas a ela.

Com essa lente, pretendo neste escrito refletir sobre o papel de uma orientação pautada no psicodrama para a coconstrução de uma pesquisa psicodramática. Pretendo utilizar nesta discussão a teoria de papéis (Moreno, 1975), a teoria dos *clusters* (Bustos, 1990) e os conceitos de espontaneidade, criatividade e conserva cultural (Moreno, 1975). Escolho essas teorias e conceitos por serem aqueles que pautam grande parte do meu trabalho, mas pensando também em outros conceitos morenianos e pós-morenianos importantes para a compreensão da relação entre aquele que orienta e aquele que recebe a orientação.

### Teoria de papéis, teoria dos clusters e outros conceitos importantes

Moreno (1975) compreende que os papéis são a primeira unidade que ordena e estrutura os seres humanos e que um papel é a fusão de elementos individuais e coletivos. De acordo com Moreno (1975), existem três categorias de papéis: psicossomáticos, sociais e psicodramáticos. Os papéis psicossomáticos surgem na fase de indiferenciação e estão vinculados às funções fisiológicas, como comer e respirar. Esses papéis também estão associados ao clima afetivo e emocional proporcionado pelos egos-auxiliares primários da criança (Cuzin, 2008). Os papéis sociais emergem posteriormente, sendo moldados pela realidade social da criança. Ela incorpora papéis sociais na família, escola e outros contextos sociais, como filho, irmão, aluno e colega (Bustos, 1990; Cuzin, 2008). Por fim, os papéis psicodramáticos estão ligados à personificação de elementos reais ou imaginários (Perazzo, 2019), e surgem quando os estereótipos sociais se mesclam ao desempenho espontâneo (Bustos, 1990).

A vivência dos papéis passa por três etapas: *role-taking*, na qual a pessoa desempenha o papel de maneira convencional; *role-playing*, quando o indivíduo experimenta mais liberdade ao desempenhar o papel; e *role-creating*, a fase em que ocorre o auge do processo de criação, permitindo que o indivíduo utilize sua espontaneidade para dar vida ao papel (Cuzin, 2008). Além disso, na teoria de papéis, destaca-se a compreensão de que cada papel possui um papel complementar ou contra papel, constituindo as relações e a identidade do indivíduo (Bustos, 1990).

Bustos (1990) explica que os papéis se agrupam de acordo com sua dinâmica, formando cachos ou *clusters* de papéis. O primeiro *cluster*, dependente do papel complementar materno, está relacionado às funções de dependência e incorporação, envolvendo trocas de dar e receber. O segundo *cluster*, associado ao papel paterno, abrange limites, regras e autonomia. Notavelmente, esses dois *clusters* apresentam assimetria, enquanto a simetria emerge nas relações fraternas, constituindo o terceiro *cluster*. Esse último está vinculado à cooperação, rivalidade e competição. É importante ressaltar que nenhum dos três *clusters* está necessariamente ligado à mãe, pai ou irmão, já que podem ser configurados por outras relações que desempenhem os papéis correspondentes (Bustos, 1990).

Assim, a teoria moreniana compreende que desenvolvemos os papéis à medida que vivemos, conforme aquilo que vivemos. Nesse sentido, podemos pensar em outros conceitos que também estão presentes no desenvolvimento dos nossos papéis: a espontaneidade, a criatividade e a conserva cultural.

A espontaneidade refere-se à habilidade do indivíduo em adaptar-se de maneira apropriada a novas situações ou situações conhecidas que necessitem de mudança. Cada pessoa possui uma matriz espontânea inata, que ao longo da vida é utilizada

a seu favor (Moreno, 1975). Portanto, a espontaneidade torna-se um complemento às normas adquiridas (Menegazzo, Tomasini & Zuretti, 2019; Rojas-Bermúdez, 2016).

Na contemporaneidade, a crescente influência de normas sociais limita nossa capacidade de resposta livre aos eventos, confinando-nos a roteiros predefinidos (Fonseca, 2008). O treino da espontaneidade não apenas enriquece o indivíduo, aumentando seu potencial espontâneo, mas também facilita a adaptação ao meio, resultando em maior criatividade e produtividade com menos esforço (Rojas-Bermúdez, 2016).

A criatividade é considerada a substância da espontaneidade, sendo a espontaneidade o catalisador que a permite manifestar-se (Gottlieb, 2001). Fonseca (2008) destaca a criatividade como essencial para a existência orgânica, valorizando o momento da criação. Assim, a conexão entre espontaneidade e criatividade permite uma “capacidade de vivenciar a novidade, da renovação, de adicionar algo, ao invés da mesmice de sempre” (Moreno, Rutzel & Blomkvist, 2001, p. 36)

Moreno argumenta que para cultivar sujeitos espontâneos e criativos, é necessário libertá-los das amarras das conservas culturais (Gottlieb, 2001). A conserva cultural é como uma memória de um momento criativo (Moreno, 1975). Por vezes, essa memória de uma criação é positiva em nossas existências, sendo criações que ainda nos servem, em outros momentos, pode ser negativa, representando padrões que já não fazem mais sentido (Vidal, 2021). Dessa forma, a conserva cultural pode ser descongelada por meio da espontaneidade-criatividade (Merengué, 2009; Moreno, 1975).

## Sobre o processo de orientação em psicodrama

No psicodrama, são poucas as referências facilmente encontradas sobre o processo de orientação de escrita, acredito que a dificuldade de escrita não esteja apenas nos alunos iniciantes em psicodrama, mas também naqueles que escolhem continuar seus caminhos para didatas, orientadores e supervisores.

A escrita daquilo que é dramatizado é um exercício difícil para muitos psicodramatistas. Almeida (2006, p.8) resume bem esse processo ao escrever: “Sabemos o quanto a escrita esmaece o brilho e a emoção de uma cena dramatizada, ainda que colocássemos o sangue das veias e o sal da boca, fazendo-a ‘encarnada’ à moda das filosofias da existência”. Portanto, a dificuldade de organização de um processo de escrita que nos é contada sobre Moreno, acaba fazendo parte também do contexto de outros psicodramatistas pós-morenianos (Monteiro, 2006).

Diante desse cenário, Gulassa et al. (2013) buscam compreender o processo de orientação diante da teoria dos *clusters*, de forma próxima ao objetivo deste texto. Os autores concluem que um processo de orientação bem-sucedido perpassa clareza das responsabilidades e funções de cada uma das partes. Destacam ainda que existem variáveis políticas e afetivas na escolha de quem irá realizar o processo de orientação, e que é importante uma compreensão das relações de poder envolvidas. Assim, os autores descrevem que é importante aos orientadores uma avaliação honesta sobre sua disponibilidade, tempo, interesse, competência e (in)compatibilidade ética para o processo de orientação.

Mazzotta (2011), ao pensar o pesquisador e professor de psicodrama de forma conectada, propõe um olhar para este como um construtor do conhecimento e não apenas transmissor de verdades; um sujeito aberto para observar as rupturas, questionamentos e descontinuidades; um integrante do grupo que exerce poder e que também sofre resistências. Nesse sentido, compreendo que o orientador de psicodrama está também neste lugar, forma um grupo com seu orientando buscando o conhecimento sobre algo, mas está também vulnerável às normas vigentes e ao contexto sócio-político-econômico.

Logo, é indispensável pensar a relação entre orientador-orientando, como um vínculo permeado por diversos aspectos que vão intervindo e modificando-a neste processo. Como destacam Gulassa et al. (2013), se essa relação for tumultuada, pode resultar em complicações como o atraso ou a não entrega da monografia. Acrescento ainda que esta relação, através do efeito de cacho de papéis<sup>1</sup> (Bustos, 1990; Nery, 2014) pode ser transferida para outros papéis, dificultando assim outros vínculos que ambos venham a ter.

Por fim, outra perspectiva importante sobre o papel do professor é a pedagogia decolonial e que cabe ser pensada também para o papel de orientador. Albernaz et al. (2021, p. 222) concluem de sua experiência que o professor nessa perspectiva

<sup>1</sup> São intercruzamentos transferenciais relacionados a uma cena vivenciada em um papel e que pode ser direcionada também a outros papéis (Perazzo, 2019).

deveria deixar de se colocar como consciente do tema para estar como “um facilitador da construção de consciência e resposta significativa dos educandos sobre as situações de sua vida pessoal e contexto social, mesmo que em seus tempos e em aspectos muito particulares e próprios”. Os autores retomam aspectos importantes sobre a construção do ensino no Brasil e como ele foi pautado em uma ideia europeia. Nesse sentido, corroboro com os autores que o papel de professor, e aqui mais propriamente o de orientador, é ainda enraizado nessa construção colonial, e da importância que é para ambos orientador-orientando ou professor-aluno, possibilitar e ampliar as práticas de ensino-aprendizagem decoloniais.

## MÉTODO

Este é um relato de uma experiência de orientação de monografia na formação e pós-graduação em Psicodrama de uma escola catarinense federada à Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP). Atualmente, essa formação ocorre de maneira híbrida, na qual os alunos possuem módulos presenciais e módulos online (em tempo real). Os relatos de experiência são uma forma de expressão escrita daquilo que foi vivenciado e que se acredita poder contribuir com a produção de conhecimento em uma temática (Mussi et al., 2021)

A orientação ocorreu entre abril de 2023 e janeiro de 2024, sendo realizada de forma virtual, e formada por quatro encontros no Google Meet e trocas de mensagens por e-mail e *Whatsapp*. A relação iniciou a partir da escolha da orientadora pelo tema de pesquisa proposto pela orientanda, sendo que havíamos nos conhecido brevemente em algumas aulas virtuais. No momento que escrevo, ela tem 25 anos, reside em uma cidade amazonense, trabalha há três anos como psicóloga, sendo destes, 2 anos na Defensoria Pública, e será descrita aqui pelo nome que escolheu: Yara.

Ainda que este processo de escrita surja da construção com Yara, ressalto que este trabalho assume o cuidado ético em pesquisa sob as diretrizes da Resolução 510/2016 em que não são registradas nem avaliadas por Comitês de Ética em Pesquisa, pesquisas que busquem “o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito” (510/2016)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Meu vínculo com Yara inicia a partir de minha escolha entre uma listagem de temas sugeridos por alunos para suas pesquisas. Marcamos uma primeira conversa pelo Google Meet para trocarmos ideias iniciais. Naquele primeiro momento, ela estava bastante empolgada em iniciar o processo e por ter sido eu a escolhê-la, relatando que gostava das aulas e outros momentos em que acompanhou trabalhos meus.

Como destacam Gulassa et al. (2013), existem variáveis políticas e afetivas permeando a escolha desse vínculo, sendo importante um olhar para os sentimentos e relações de poder envolvidos. Diferente de outras situações nas quais o aluno escolhe o professor que irá orientá-lo, nesta fui eu, no papel de orientadora, que escolhi um tema e, junto a ele, uma aluna para orientar. Essa situação gerou em Yara um sentimento positivo, pois sentiu-se valorizada por ser escolhida por uma professora com quem já sentia afinidade.

No primeiro encontro, ela me contou sobre sua experiência profissional atuando na Defensoria Pública e o trabalho que vinha realizando com os pais e familiares de crianças e adolescentes em acolhimento institucional. Trocamos algumas experiências sobre esse trabalho, uma vez que eu havia realizado um estágio em uma casa de acolhimento durante a faculdade.

Assim, percebemos ser recíproca a identificação que a orientanda já havia relatado sentir por mim no primeiro contato, nosso posicionamento pessoal, político e social sobre estas questões era muito semelhante. A empatia, compatibilidade de perfis e afinidades ideológicas, são alguns dos fatores importantes na construção de um vínculo de orientação (Gulassa et al., 2013).

Yara me explicou que seu objetivo era utilizar o psicodrama para proporcionar um grupo psicoterapêutico aos pais e aqueles que desenvolviam esse papel, para de alguma maneira auxiliá-los nos vínculos com seus filhos. Diante disso, elaboramos juntas um objetivo geral e objetivos específicos que explico serem como um caminho que a levará ao seu objetivo geral.

Nesse primeiro momento, a percebi como uma pessoa dedicada e empolgada com o seu trabalho e com a pesquisa, mas ao mesmo tempo insegura em alguns pontos sobre como conduzir os processos metodológicos. Em contraponto, ela se mostrou

confiante em relação ao trabalho que pretendia realizar com o grupo escolhido. Acalmei-a em relação a suas dificuldades com a escrita e pesquisa, mencionei que poderíamos descobrir juntas como lidar com elas e deixei aberto para que escolhesse se preferia trabalhar com prazos definidos ou de forma mais livre, e ela escolheu a primeira opção. Assim, definimos datas para que me enviasse cada capítulo e eu pudesse lhe dar algumas considerações para que ela ampliasse seu texto.

Dessa forma, nesse momento procurei propiciar à Yara uma relação de orientação pautada nos três *clusters* (Bustos, 1990): acolhi e a acalmei (*cluster 1*), busquei lhe dar autonomia em seu processo e os limites necessários de acordo com prazo/metodologia da instituição (*cluster 2*), e disse que estaria junto dela cooperando para lidar com as dificuldades e construir seu trabalho (*cluster 3*). Os três *clusters* representam funções importantes para o nosso desenvolvimento e têm seu lugar nas relações (Bustos, 1990; Nery, 2014), inclusive, na relação orientadora-orientanda.

A função de orientação, assim como a de professor, é permeada por uma raiz colonial, como destacam Albernaz et al. (2021). Os autores sugerem que o professor seja contraponto a isso e se coloque como facilitador, e não como o detentor de um saber em uma perspectiva. Durante o processo de orientação de Yara, refleti e realizei diversas tentativas de horizontalizar essa relação, mesmo que em muitos momentos também me percebesse adotando esse caráter tradicional de ensino, assim como os autores relatam em sua pesquisa.

Iniciamos o processo de escrita de um projeto de pesquisa para qualificação prévia. Yara relatou, durante o início, dificuldades em relação às normas para citações e referências e em frente às conservas culturais relacionadas à escrita de uma monografia. As conservas culturais (Moreno, 1975) norteiam a vivência humana, colocando normas e referências a serem seguidas, porém muitas vezes essas mesmas conservas embotam nossa espontaneidade. No caso da orientanda, ela se percebia paralisada em alguns momentos da escrita por não conseguir seguir as orientações metodológicas.

Juntas tentamos encontrar caminhos para que ela pudesse construir seu texto aos poucos e depois inserir o modelo normativo em sua escrita. Assim, naquele momento combinamos que faria os ajustes necessários nas primeiras citações/referências, deixando em vermelho e explicando em comentários para que depois ela tentasse fazer com os demais casos sozinha. Em outros momentos, gravei tutoriais em vídeos que enviava por *Whatsapp* sobre as ferramentas do próprio *Microsoft Word* para que ela pudesse fazer os ajustes.

Yara estava sempre disposta, mesmo com a dificuldade com tecnologia, e foi aprendendo o necessário para a formatação do seu trabalho, conseguindo aos poucos respostas diferentes de seu congelamento inicial frente às normativas institucionais. Essas mudanças frente às conservas culturais são muitas vezes dolorosas e difíceis, ocorrendo em velocidade diferente da desejada (Vidal, 2021), mas através de pequenos atos espontâneos (Moreno, 1975), podemos aos poucos consegui-las.

Em alguns momentos durante o processo, também relatava se sentir cansada da rotina diária. Nesses momentos, tentei acolher sua angústia, compartilhar que também estava com uma rotina difícil e explicar que tínhamos tempo, para que se acalmasse e tentasse se organizar para se dedicar à monografia em outro momento. Nesse sentido, o compartilhamento ou *sharing*, vai além de ser uma etapa na teoria psicodramática, para também ser um recurso muito útil para elucidar uma perspectiva de *cluster 3* (Bustos, 1990), na qual Yara pôde perceber que sua orientadora, mesmo com uma caminhada maior no psicodrama e na pesquisa, também enfrentava adversidades e, a partir disso, buscar outras possibilidades.

Percebi que Yara se cobrava muito em relação à escrita por sentir dificuldade, mas que nunca deixou de buscar as referências indicadas, tentar elaborar argumentos sugeridos ou dispensar qualquer orientação dada, e sim o oposto. Yara sempre dispôs a ajustar, refletir e mesmo questionar o que a gerava dúvidas ou angústias. Assim, juntas caminhamos para o nosso objetivo de concluir sua pesquisa, e esse foi o elo que possibilitou nossa relação durante o tempo de escrita. Como destacam Gulassa et al. (2013), uma relação entre orientador e orientando que seja tumultuada ou conflituosa pode gerar atraso ou mesmo desistência da entrega de uma monografia, algo frequente de acordo com os autores. Portanto, meu objetivo com a orientanda foi manter uma relação tranquila, na qual pudéssemos falar sobre as dificuldades, rir sobre algumas delas e construir caminhos diante delas.

Os prazos que definimos no início auxiliaram muito, servindo como norteadores para que Yara se organizasse em meio aos demais papéis que exercia. Em determinado momento, ela percebeu que atrasaria a entrega de um deles e informou que não conseguiria cumprir o prazo. Juntas chegamos a um acordo: ela entregaria dois capítulos com um prazo mais longo e, quando questionei se acreditava ser possível, ela respondeu: “Eu consigo, tu mandou eu confiar em mim!”. Naquele momento, percebi a influência de nosso vínculo, mais precisamente como os momentos em que a incentivei a acreditar em seu próprio potencial em uma perspectiva de *cluster 1* (Bustos, 1990), foram importantes para ela.

Cabe destacar que todo o desenvolvimento dos aquecimentos aplicados foi pensado e escrito por Yara, sendo que não considerei necessário realizar nenhum ajuste na época. Naquele momento, apenas reforcei o quanto ela era uma ótima diretora de psicodrama, independente de suas dificuldades com a escrita ou tecnologia, e que era isso que tentaríamos mostrar em sua monografia como um todo. Assim, compreendo que ela já era uma psicodramatista no desenvolvimento de seu papel, com a capacidade de elaborar intervenções pautadas na teoria e prática psicodramática.

Em agosto de 2023, realizamos a qualificação do projeto via chamada de vídeo no *software Zoom*. Neste momento, nossa parceria foi percebida para além de nós. Vimos juntas a concretização do projeto e Yara sendo elogiada pela professora qualificadora e os colegas que assistiam virtualmente. Após a banca, ela enviou áudios e mensagens por *Whatsapp* me agradecendo e descrevendo como ficou imensamente feliz. Mesmo sabendo que ainda havia uma grande jornada pela frente, estava emocionada por ter conseguido alcançar aquele momento.

Após a qualificação, o projeto foi enviado para a Plataforma Brasil visando obter aprovação para a pesquisa. Aquele foi um momento difícil para Yara pois sentia dificuldade em relação à tecnologia, mas ao seguir o manual de *prints* disponibilizado pela escola federada, trocar fotos comigo “da plataforma pelo *Whatsapp*” e preenchê-la, ela mesma fez a submissão e o acompanhamento do andamento do processo até sua aprovação. Ao final da submissão, ela me falou que não acreditava ter conseguido fazer isso sozinha.

Em outubro de 2023, ela iniciou a aplicação do projeto com o grupo, enviando fotos e comentários para que eu acompanhasse o andamento. Ao longo do tempo, tivemos algumas dificuldades como as chuvas no Amazonas, que dificultaram o acesso dos participantes ao espaço onde eram realizados os encontros, e uma viagem de Yara para um congresso. Como destaca Bareicha (2013), o caminho do Psicodrama ao Amazonas não era fácil, sendo que até os dias atuais não temos federadas vinculadas no estado (FEBRAP, 2024). Assim, acredito que os psicodramatistas que atuam naquelas regiões normalmente são formados em outros locais, como no caso de Yara.

Foi durante os meses de dezembro e janeiro que retomamos a escrita, revisão e ajustes finais da monografia. Juntas, tentamos melhorar o que havia sido sugerido na banca de qualificação e fazer a análise dos encontros realizados. Naquele momento, ambas estávamos com diversas outras demandas comuns dessa época nos nossos outros papéis, mas conseguimos conciliar a escrita da melhor forma que pudemos.

No penúltimo dia de janeiro de 2024, realizamos a banca de defesa. Previamente, fizemos uma chamada de vídeo juntas e testamos os equipamentos de som e vídeo de Yara, além da apresentação de *slides* que ela havia preparado para compartilhar. Naquele momento, repassamos os principais pontos e tentei tranquilizá-la: “A banca já leu seu trabalho, você já mostrou nele que é uma diretora de psicodrama, a titulação é uma consequência disso”.

Antes de sua apresentação, a banca também tentou tranquilizá-la Yara, ao reforçar que todos reconheciam o desenvolvimento de seu papel de diretora. Após a apresentação, a banca explanou sobre ajustes necessários, mas ressaltou a grande diretora que ela havia se tornado e que deveríamos buscar publicar seu trabalho, dada a relevância da temática e do pequeno número de psicodramatistas publicando trabalhos realizados no estado do Amazonas. Esse ponto foi também destaque de Bareicha (2013), o único trabalho encontrado na Revista Brasileira de Psicodrama relacionado ao Amazonas.

Assim, a banca se reuniu e depois deu a devolutiva de aprovação para a aluna, que comemorou e agradeceu a todos os presentes, em especial a banca e a mim pelo apoio e contribuições. Yara ressaltou a importância de ter pessoas que acreditaram em seu potencial desempenhando papéis de orientação e avaliação de seu trabalho. Foi um momento de muita emoção e troca.

Yara foi minha primeira orientação concluída no Psicodrama. Pude acompanhar seu processo no papel de professora na formação e depois como orientadora de sua monografia de conclusão do curso. Quando penso nesse processo de orientação, penso também nas fases *role-taking*, *role-playing* e *role creating*. Retomei memórias sobre as orientações que havia vivenciado no contra papel, como me senti com cada uma das pessoas que fez essa função e como busquei usar essas referências inicialmente, no processo de tomada do papel.

Juntas, ela e eu construímos nossa relação entre orientadora-orientanda, permeada por referências de outros momentos de nossas vidas, mas também pela espontaneidade-criatividade que conseguimos desenvolver na relação. Permiti-me brincar e jogar nesse papel, trazendo características minhas como uma comunicação através de figurinhas e memes no *WhatsApp*

e *Instagram*, que horizontalizaram minha relação com Yara em momentos pesados durante o processo. Por fim, sinto que consegui reflexões e possibilidades para iniciar a criação desse papel com os próximos orientandos.

O processo de pensar a orientação com o olhar psicodramático, ancorado na teoria de clusters e na busca pela espontaneidade-criatividade diante de conservas culturais que as embotaram, fez com que ela e eu pudéssemos cocriar uma pesquisa potente e repleta de potencialidades para famílias da região amazônica. Avançamos juntas na pesquisa, mas também em nossas formações enquanto pessoas e psicodramatistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria psicodramática é acima de tudo uma teoria pautada nas relações humanas. Assim, onde ocorrerem relações, podemos pensá-las à luz do psicodrama. A orientação de uma pesquisa, é permeada por diversos sentimentos entre ambos os papéis orientador-orientando. Esses papéis foram sendo construídos por mim e por Yara de forma potente e visando caminhar juntas. É importante destacar que como foi discutido ao longo deste escrito, pensar a orientação sob a ótica psicodramática, nos permite fazer uma leitura da relação estabelecida visando diminuir desistências ou atrasos da entrega dos trabalhos de conclusão nas formações em psicodrama.

Na perspectiva dos *clusters*, uma relação de orientação, assim como outras, pede que exista uma mudança conforme a necessidade da relação. Nesse sentido, acolher (*cluster 1*), dar autonomia e limites (*cluster 2*) e possibilitar uma relação mais assimétrica (*cluster 3*), auxiliou o processo de orientação descrito. Ainda assim, é importante considerar que cada orientador pode ter um enfoque em um ou mais *clusters* conforme a própria personalidade.

Foi possível desenvolver com Yara uma relação de orientação bastante horizontal, na medida de nossas limitações, que nos possibilitou criar uma pesquisa muito potente. Com absoluta certeza, teremos ainda mais a desenvolver em nossos caminhos como psicodramatistas, pesquisadoras e pessoas, arrisco dizer que sempre teremos. Aí está o brilho do psicodrama em meus olhos, as conservas culturais que nos são positivas em algum momento, não estão protegidas para sempre, podendo em outro momento precisar de espontaneidade-criatividade para criação de novas delas.

## CONFLITO DE INTERESSE

Não se aplica.

## DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica.

## FINANCIAMENTO

Não se aplica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Yara e aos demais alunos da Viver Mais Psicologia pelas cocriações. Aos professores da minha formação, em especial Viviane Almeida pelas trocas e ensinamentos.

## REFERÊNCIAS

Albernaz, R. O., Azevedo, A. , & Faé, R. (2021). PEDAGOGIA DECOLONIAL PSICODRAMÁTICA. *Revista Brasileira De Psicodrama*, 29(3), 214–224. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.22127>



- Almeida, W. C. (2006) Apresentação. In Monteiro, A. M., Merengué, D. & Brito, V. (Orgs) *Pesquisa qualitativa e psicodrama* (pp. 7-9). São Paulo: Editora Ágora.
- Bareicha, P. (2013). Psicodrama como ação pedagógica no currículo do ensino fundamental em escolas da amazônia. *Revista Brasileira De Psicodrama*, 21(2), 27-39. Recuperado de <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/333>
- Bustos, D. M. (1990). *Perigo... amor à vista! Drama e psicodrama de casais* (2ª ed. ampliada). São Paulo: Aleph
- Cuzin, M. I. (2008). As relações interpessoais à luz do psicodrama. *ETD Educação Temática Digital*, 09(02), 211-212. Recuperado em 13 de fevereiro de 2024, de [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-25922008000200023&lng=pt&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922008000200023&lng=pt&tlng=pt).
- FEBRAP, Federação Brasileira de Psicodrama (2024). *Escolas Federadas - Norte e Nordeste*. Recuperado em 13 de fev. de 2024 de <https://febrap.org.br/norte-nordeste/>
- Fonseca, J. (2008). *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno*. (7ª ed. rev.). São Paulo: Ágora.
- Gottlieb, L. (2001). *O potencial Psicodramático dos Meios de Comunicação: Caminhos da educomunicação*. (pp. 69-79).
- Gulassa, D. C. R.; Zylberstajn, C.; Massoni, C. G.; & Nonoya, D. S. (2013). Considerações sobre o processo de orientação de monografia em Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 81-94. Recuperado em 07 de feve. de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-53932013000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932013000100007&lng=pt&tlng=pt).
- Mazzotta, M. C. E. (2011) O pesquisador e o professor de psicodrama. In Motta, J. M. C. & Alves, L. F. (Orgs) *Psicodrama: ciência e arte* (pp. 112-123). São Paulo: Editora Ágora.
- Menegazzo, C.M.; Tomasini, M. A.; & Zuretti, M. M. (2019). *Dicionário de psicodrama e sociodrama* [recurso eletrônico]. São Paulo: Editora Ágora.
- Merengué, D. (2009). Corpos tatuados, relações voláteis: sentidos contemporâneos para o conceito de conserva cultural. *Rev. Bras. de Psicodrama*, 17(1), 105-114. Recuperado em 13 fev. 2024 de [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932009000100008&script=sci\\_abstract](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-53932009000100008&script=sci_abstract)
- Moreno, J. L. (1975) *Psicodrama*. São Paulo: Editora Pensamento/Cultrix.
- Moreno, Z. T., Rutzel, T., & Blomkvist, L. D. (2001). *Realidade Suplementar e a Arte de Curar*. Grupo Editorial Summus.
- Mussi, R. F. de F; Flores, F. F.; & Almeida, C. B. de. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Práxis Educacional*, 17(48), 60-77. EPUB 25 de novembro de 2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>
- Nery, M. P. (2014) *Vínculo e afetividade: caminho das relações humanas*. São Paulo: Ágora.
- Perazzo, S. (2019). *Ainda e sempre psicodrama*. 2ª ed. São Paulo: Ágora.
- Perazzo, S. (2019) *Descanse em paz os nossos mortos dentro de mim*. 5ª ed rev. São Paulo: Ágora.
- Rojas-Bermúdez, J. G. (2016). *Introdução ao psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Vidal, G. P. (2021). Conserva cultural: o ciclo sem fim. *Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama*, 10(1), 13-22.